

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

JOGOS POÉTICOS: OS MODERNISTAS

Lucia Helena Ramos de Souza
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e Técnicas
e Epistemologia – HCTE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
jogospoeticos@gmail.com

Bruno Nogueira Ferreira Borja
Prof. Dr. do Instituto de Economia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro –
UFRRJ (co-orientador)
borja.bruno@gmail.com

Maria Mello de Malta
Profa. Dra. do Instituto de Economia e do Programa de Pós-graduação em
História das Ciências e Técnicas e Epistemologia – HCTE, da Universidade Federal do
Rio de Janeiro – UFRJ (orientadora)
mariamalta@yahoo.com.br

1 OS MODERNISTAS ESTÃO CHEGANDO

A primeira oficina de Jogos Poéticos aconteceu em um dos jardins do Sesc Tijuca, no Rio de Janeiro, em 2012. Os poetas escolhidos para aqueles primeiros encontros ou módulo - que mais tarde será chamado de corpoético - foram os poetas modernistas Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes. A escolha desses poetas atendia principalmente ao debate necessário a partir do modernismo tendo como marco a Semana de Arte Moderna ou a Semana de 22.

As oficinas de Jogos Poéticos foram propostas por três poetas - Bruno Borja, Lucia Helena Ramos e Luca Argel - para responder a demanda de estimular a visitação de usuários à biblioteca da unidade Tijuca do SESC Rio. Para isso, foi criado um projeto, o Fora de Área, que incluía eventos - Interferências - que reunia poetas, músicos e artistas da cena contemporânea para articulação e intercâmbio de linguagens. Mas muito mais que ler poemas e encontros de leitura e arte, o que já seria muito, a intenção principal do projeto era, e é, formar poetas. Com o entendimento que poeta não é apenas aquele ou aquela que escreve poemas, que faz arte, mas também todo aquele ou aquela que lê, vê e se deixa ver, sensibiliza-se, deixa-se tocar, contagiar, contaminar pela poesia.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A partir dessa primeira experiência, os Jogos Poéticos construirá outros corpoéticos a partir de mais de 60 poetas pesquisados coletivamente em oficinas e em mais de 15 módulos e apresentações do projeto. E sua trajetória continua, agora como método para uso em sala de aula e fora dela - movimentos sociais, formação continuada, extensão e educação popular, como ferramenta pedagógica.

Este artigo se dedicará a esse primeiro módulo - os modernistas. O corpoético, o método, para trazer o debate necessário sobre o Modernismo no Brasil e esse tal Brasil Moderno.

O poeta Carlos Drummond em um de seus versos declara: "e como ficou chato ser moderno, agora serei eterno". Ser eterno ou ser moderno, o falso dilema do poeta. E se dava entre os que defendiam as formas já estabelecidas, que acreditavam que seriam eternas, e as novas formas, que chegavam com o modernismo, com os modernos. Drummond provou ser os dois. Vinícius de Moraes também colocará no jogo de palavras do poema a questão do moderno e do eterno - "que seja eterno enquanto dure". Mário fundará o Desvairismo e no mesmo Prefácio Interessantíssimo acabará com essa "escola poética", mas já avisa: "próximo livro fundarei outra". Oswald em seu Manifesto da poesia pau-brasil avisa: "a poesia existe nos fatos." (FONSECA, 2013). Eternos modernos.

2 O CORPOÉTICO: OS MODERNISTAS

Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventureiro,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e danças. [...]
(Mário de Andrade, 1955)

Importante dizer que nessa primeira experiência da oficina ainda não havia sido formalizado o método nem a construção de um corpoético. Essas percepções só vieram a partir de pelo menos dois anos de experimentação, e se consolidou quando o projeto foi chamado para ser um curso de extensão no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. O nome "corpoético" foi emprestado do "corpo poético" da Prof. Marta Peres (Dança, UFRJ), que participou como professora naquela edição, em 2015. A formalização do método, que já era aplicado desde o início

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do projeto, veio da pesquisa e dissertação de mestrado no curso de pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE UFRJ).

Esse primeiro módulo desenha então um corpoético (Fig.1) que apresenta o poeta Manuel Bandeira no chacra da coroa - porque ele foi o que veio antes, sendo até considerado um pré-moderno por alguns leitores. O moderno Bandeira, que teve seu poema Os sapos lido por Ronald de Carvalho na Semana de Arte Moderna, é a coroa desse corpoético. Mário de Andrade será o chacra da testa, o terceiro olho, a visão do todo. O moderno e desvairado Mário que lê Ode ao Burguês sob vaias na Semana de 22, que será o turista aprendiz na busca da Cultura e identidade brasileiras, que será apaixonado pela Música e pela Dança, e escreverá Macunaíma! Oswald de Andrade estará no chacra da laringe. O antropófago Oswald devorador de tudo, que brada que a "alegria é a prova dos nove", e pergunta "Tupi *or not* Tupi"? e afirma que "só a antropofagia nos une". Carlos Drummond de Andrade está no chacra cardíaco. O poeta "*gauche* na vida" e que carrega "o sentimento do mundo". Esse poeta que faz a pergunta ainda tão moderna: "*Stop*. A vida parou ou foi o automovel?" Vinícius de Moraes, chamado carinhosamente de poetinha, é o chacra sexual. Poeta apaixonado, sedutor, também compositor e músico, ícone da Bossa Nova, boêmio, intenso. Que chorará seu exílio em Pátria Minha, "tão pobrinha". E por Hiroxima (pós Litle Boy, bomba atômica de urânio). Mas cantará as belezas, os amigos e os amores.

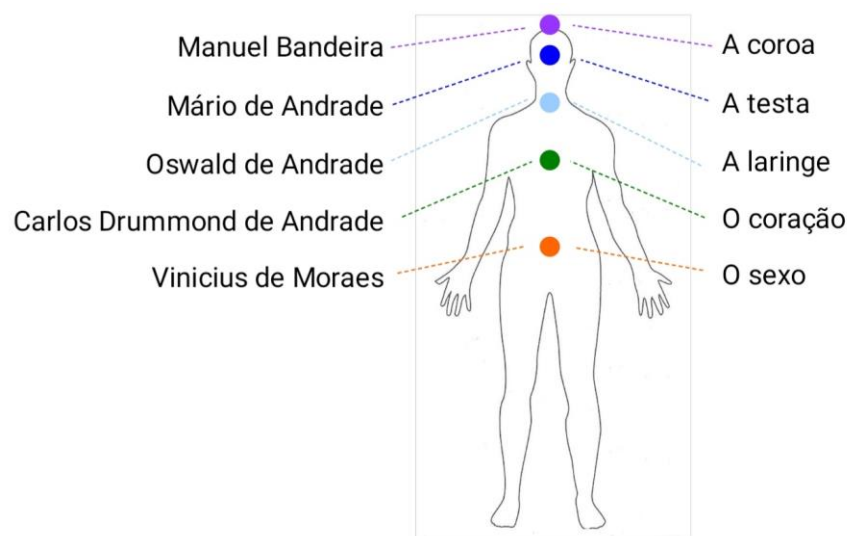


Figura 1: Corpoético: os modernistas.

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. (MARX, [1852] 2011 : 25).

Esse corpo construído com os poetas também se constitui como período histórico, ou linha do tempo (Fig. 2) não linear, para a contextualização de cada um desses poetas e do conjunto. O poeta como ser histórico, social e político. Sua vida, os cenários em que viveu ou vive, suas escolhas, suas aflições e angustias, suas urgências. Esses esquemas não são didaticamente apresentados aos participantes. Podem ser, porém, antes, são experienciados através dos poemas, da obra do artista. O debate se faz a partir dessa sensibilização, emoção, identificação (ou não), dessa contaminação. Antes, são uma construção para o mestre do jogo ou mediador, que nos Jogos Poéticos é chamado de provocador.



Figura 2: Corpoético de Os modernistas - poetas e seus tempos e cenários históricos.

Mas, afinal, o que são os jogos poéticos? Antes, será preciso falar de jogo e de poesia.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Huizinga (2007), em seu livro *Homo Ludens*, “é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve”. Afirmar ainda que “o jogo é função da vida”. Para definir, informa que todo jogo é livre, é uma atividade voluntária, traz satisfação e exige participação, é social, é tenso, é lúdico. E para que aconteça é preciso que tenha jogadores, um lugar ou um círculo mágico, regras, tempo, ordenamento e peças.

E interessante observar o quanto que nessa descrição Huizinga (2007) informa que o jogo tem liberdade, mas com regras e ordem, prazer e tensão, sendo social e também lúdico - logo, exige alguma imaginação. E precisa de um lugar, aqui o sagrado ou o mágico. Essas indicações do filósofo são preciosas para a condução e compreensão dos Jogos Poéticos.

Octávio Paz (1976) dirá em seu livro *Signos em Rotação*, que “a poesia é entrar no ser”. E nos oferece o delicado conceito de “outridade” para o fazer poético, que vai para muito além da empatia. Esse “estar” e “ser” no mundo - ser/estar poeticamente no mundo, e por isso, que é revolucionário. O ser eu voce nós. Esse “nós”, que Emerica popularizou com seu “é nóiz”, na língua gostosa do povo como dizem os modernos Bandeira, Mário e Oswald. Tolstói (2002) afirmará que poesia é arte, é por isso é contaminação, contágio. E também, urgência. Décio Pignatari (1989), afirmará que é ritmo, comunicação, e linguagem em tensão.

Torquato versará que é o risco - “um poeta não se faz com versos, é o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, [...], quem não se arrisca não pode berrar.” (NETO, 2018). E Cacaso complementa avisando que “o bom cabrito é o que mais berra onde canta os sábias” - num diálogo entre o poeta marginal e o moderno Bandeira (1966), que em seu *Poética* diz estar “farto do lirismo comedido” e “bem comportado”: “não quero saber do lirismo que não é libertação”. O poeta português Fernando Pessoa traz a reflexão da poesia como desassossego. E voltando em Octávio Paz (1976) para quem a poesia é “consciência rara, artística e crítica” e, por isso, “toda criação poética é histórica”.

A interrogação sobre as possibilidades de encarnação da poesia não é uma pergunta sobre o poema e sim sobre a história: será quimera pensar em uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sociedade que reconcilie o poema e o ato, que seja palavra viva e palavra vivida, criação da comunidade e comunidade criadora? (PAZ, 1976 : 95).

Portanto, o jogo e a poesia são epistêmes - conhecimento, conhecimento da realidade, auto-conhecimento, conhecimento coletivo. E como pode ser observado, com impressionantes características em comum. Assim, a poesia traz o sensível desse ser/estar no mundo, a reflexão, o diálogo, o debate, a crítica; e o jogo faz da experiência um brinquedo. E o conhecimento, desafio divertido, amoroso e coletivo. (SOUZA, 2017).

Importante também será a confirmação da arte como forma de conhecimento. Como afirma o professor e semiótico Jorge de Albuquerque Vieira, "a arte é uma forma de conhecimento e todo conhecimento é função vital, todo conhecimento garante vida e complexidade".

Essa percepção da vida e da complexidade, tanto no jogo como na poesia será fundamental para o brinquedo Jogos Poéticos. Morin (1997), para ilustrar o conceito, oferece a imagem da complexidade - como uma tapeçaria tecida com fios variados com suas várias cores, espessuras e materiais. Mesmo diferentes entre si cada fio compõe o todo, cada fio é tapeçaria, que só assim tramados serão o tecido. Para conhecer esse tecido seria necessário uma soma dos conhecimentos - sobre cada fio. Mas mesmo essa seria insuficiente para conhecer o tecido, as qualidades e propriedades dessa textura.

Imaginemos uma tapeçaria contemporânea. Ela comporta fios de linho, seda, algodão, lã, de cores variadas. Para conhece-la, seria interessante conhecer as leis e princípios relativos a cada uma dessas espécies de fio. Contudo, a soma dos conhecimentos sobre cada tipo de fio que compõe a tapeçaria é insuficiente para conhecer essa nova realidade que é o tecido, isto é, as qualidades e propriedades próprias desta textura, como, além disso, é incapaz de nos ajudar a conhecer sua forma e sua configuração." (MORIN, 2011 : 85.).

4 OS JOGOS POÉTICOS

O método utiliza um corpoético, seleção de poetas. E desenvolveu um roteiro triuno: ler, jogar e criar. Ler - o mundo, o poeta, a obra, o contexto. Ler poema vivo; Jogar - exercício lúdico, brinquedo de fazer, de escuta e fala, de comunicação; Criar - materialização da experiência, exercício do eu você nós, a criação, a elaboração, a troca, o corpo e a poesia.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os módulos podem variar de 6 a 12 encontros, com 2 horas de duração cada encontro. Divididas em meia hora para ação: leitura, brincadeira e criação.

Os Jogos Poéticos - para ler / brincar / criar - precisam de: jogadores, com desejo de jogar, fanzines (ou livretos) pré-construídos com seleção de poemas dos poetas pesquisados (Fig. 3), livros de poesia são bem-vindos, papel lápis caneta para todos os participantes, baralhos dados peças de jogos tradicionais ajudam, um lugar, materiais e recursos disponíveis - incluindo os subjetivos, e, principalmente para os mestres do jogo, mediadores e provocadores, será preciso: pensamento crítico e querer saber da história, gostar de ler, gostar de ler poesia, gostar de gente, de brincar, de criar, de ouvir, de tecer diferentes fios.



Figura 3: fanzines (livretos) da oficina de Jogos Poéticos

Os recursos materiais são importantes, mas não são fundamentais. Aqui ainda vale a indicação de Huizinga (2007) para o jogo acontecer - livre, voluntário, social, tenso, lúdico, com satisfação e participação, com regras, ordenamento, tempo, jogadores, peças e círculo mágico. Esses dois últimos, peças e círculo mágico, não devem ser impedimento, e de muito auxilia se for entendido que "peças" podem ser do próprio corpo do jogador - suas mãos, pés, boca, fala, etc. Essas "ferramentas" tão utilizadas pelos poetas de rua, ou ainda por uma criança que brinca com seus próprios pés. Ou ainda a visão de trabalhadores que jogam apenas usando suas mãos e dedos como dados, muitas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vezes em pé dentro de transportes públicos. Ali o círculo mágico é a roda construída com os corpos dos jogadores e observadores.

O espaço pode assim ser reinventado e adaptado para qualquer disponível. E pode ser a sala de aula, o quadro, um tabuleiro físico (ou digital), uma roda, uma toalha, uma folha de papel, um tempo-espaço entre o eu e você. O mais importante é que esse seja um espaço mágico do jogo, e portanto, sagrado - lugar onde se respeita determinadas regras, temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial. (HUIZINGA, 2007 : 13).

E para trazer o jogo para mais perto da poesia, Huizinga (2007 : 13) dirá que "o jogo lança sobre nós um feitiço: é "fascinante", "cativante". Está cheio das "duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia". Ou arte e magia.

No primeiro módulo dos Jogos Poéticos - os modernistas, depois de escolhido nosso corpoético, em cada encontro um poeta foi lido, e a partir dessa leitura e trocas, debates, contextualizações, a proposta de jogo/brinquedo, e ao fim acontecem as apresentações das criações artístico-poéticas individuais e coletivas. Assim, desde as primeiras experiências, esse método triuno - ler, jogar e criar - foi constituído como roteiro.

E, dessa forma, os Jogos Poéticos vão, ao longo das suas experimentações, criando jogos e brinquedos. E nas oficinas para cada poeta foram criados um ou mais jogos e brinquedos, e até um oráculo.

Na oficina dedicada a Manuel Bandeira um dos brinquedos propostos após a leitura foi chamado de "A estrela da manhã" - que consistia em uma folha de papel dobrada em oito partes a partir do centro, onde uma palavra era inscrita em cada uma das pontas por cada um no grupo de quatro participantes, depois recortada em formato de estrela. Os grupos poderiam fazer quantas estrelas quisessem. Todas foram penduradas feito móveis no espaço da biblioteca. E ler a estrela em movimento carecia buscar pela imaginação, completando ou inventando o poema. Muitos risos, erros, versos, movimentação e alegria. Os móveis ficaram no espaço durante muito tempo, decorando. De coração.

Na oficina para Mário de Andrade, o brinquedo proposto foi a "Cesta de Palavras" - recortadas de revistas antigas e jornais, a escolha das palavras por sorte, a possibilidade

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de trocas cegas das palavras sorteadas, e enfim, a construção de um poema coletivo por cada grupo. Foram utilizados uma folha de papel pardo, pincéis atômicos e cola, para cada grupo. Após, cada poema poderia ser acrescido ou ressignificado por outro poeta de outro grupo. Feito o poema, o desafio era apresentar uma performance para leitura, que foi filmada.

Na oficina para Oswald de Andrade, repetiu-se o experimento da abertura da oficina de Jogos Poéticos, o que chamou-se de "Piquenique Antropofágico" - onde come-se Oswald com biscoitos de polvilho, bananas poéticas, balas Juquinha, tangerinas, quebra-queixos, pés-de-moleque, tambores, entre outros. E tudo isso "falando poema de boca cheia". Uma ação de arte poética que foi algumas vezes para a rua e para espaços públicos se transformando numa performance e em curso hoje é título de tese de doutorado no HCTE/UFRJ.

"Trouxeste a chave?" foi o nome do jogo criado para Drummond, mesma pergunta de um de seus poemas. Uma palavra-chave, o desenho original de uma chave mágica - aquela que abriria todas as portas, e um poema-charada. As chaves recortadas são misturadas e sorteadas. Cada jogador pega uma chave e terá que decifrar o enigma. O que abre aquela chave? Qual a palavra mágica?

Para Vinicius foi proposto um "Tarot Poético" (Fig. 5). Uma palavra, um desenho, um poema autoral, cada um criado passo a passo por um dos participantes. Ao fim, um baralho. E vamos jogar. É um oráculo. E para a surpresa de todos os jogadores, funciona. Ou pelo menos, se achou alguma coerência entre as perguntas feitas e as respostas dadas pelos poemas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 5: Tarot Poético para Vinicius de Moraes #JogosPoéticos

Em todos os jogos, após a leitura e debate sobre o poeta, é estimulado a escrita autoral e outras formas de expressão artística como desenho, colagem, a performance e jogo teatral, mímica, fotografia, etc. Entendendo que todas são também poesia. Para cada jogo proposto, há um passo a passo, uma dinâmica, que leva o jogador a construir pouco a pouco o seu poema individual e coletivo. E exercitado o desapego das criações, a escuta, a síntese na fala e na escrita, a generosidade, o acolhimento, a observância do sensível, o olhar para o mundo. E suas urgências. Em cada passo são utilizados formas de sorteios, trocas e escolhas - com baralhos, dados, perguntas, etc. - para manter a tensão (o acaso) do jogo. Aqui o processo - alegre e criativo - será fundamental para chegar a um final prazeroso para todos. E a partir, o jogo, a poesia e o conhecimento.

Durante a trajetória dos Jogos Poéticos, muitos outros jogos foram aplicados, criados e brincados. Aqui está sinteticamente relatado as cinco primeiras oficinas do módulo Os modernistas. Depois vieram Modernistas 2a.Geração, Geração de 45, Concretismo, Poesia Feminina BR, 26 Poetas (HOLANDA, 2007), Poesia Marginal, Poetas 90', Os inclassificáveis, Versão Brasileira, Poesia Periférica, Poesia e Crítica Social, Os revolucionários, As sereias, entre outros, e segue, agora nos preparativos para os 100 anos da Semana de Arte Moderna.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os Jogos Poéticos é um método construído na experimentação, e por isso, complexa e viva e ainda em construção. E tem como objetivo formar poetas, entendendo como poetas todos que atentos gostam leem fazem poesia. Portanto, a aplicação do método dos Jogos Poéticos é uma possibilidade para construir conhecimento e afetos.

À beira da comemoração de 100 anos da Semana de Arte Moderna, parece oportuno reapresentar a experiência dos primeiros encontros das oficinas de Jogos Poéticos, que se pautaram na leitura dos poetas modernistas, alguns inaugurais, da chamada fase heróica. A semana de 22, acontece no início do século XX, e não inaugura o modernismo no Brasil, mas foi seu marco. E mesmo que com todas as suas contradições, o modernismo trouxe novas propostas de leituras do Brasil. E a modernidade chega com a indústria, a tecnologia, a comunicação, as grandes guerras, o operariado, as grandes greves, as revoluções, os golpes. Mas também provocará questionamento e busca por uma identidade brasileira, e o sonho de ser nação.

E agora, José?
A festa acabou,
A luz apagou,
O povo sumiu,
A noite esfriou,
E agora, José?
E agora, você?
(Carlos Drummond de Andrade, 1969)

Século XXI, no ano de 2021, uma pandemia se arrasta - por mais de um ano e parece não querer terminar -, e um inacreditável retrocesso - negacionismo, descrença na ciência, morte da verdade, um cinismo sem fim, flerte com o fascismo e aprofundamento da opressão. A pergunta insiste: que "modernidade" é essa? Que Brasil "moderno" é esse? "Que país é esse?" Como pergunta o poeta legionário Renato Russo. Urgente pensar e criar hoje um futuro mais justo. A poesia oferece a inspiração/respiração, a utopia necessária para caminhar. O conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. São Paulo: Martins Editora, 1955.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Poesias Reunidas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- FONSECA, Maria Augusta. **Por que ler Oswald de Andrade**. São Paulo: Globo, 2008.
- HOLANDA, Heloisa Buarque de. **26 poetas hoje**. Rio de Janeiro : Aeroplano, 2007.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**; tradução João Paulo Monteiro; estudos/dirigida por J. Guinsburg. São Paulo : Perspectiva, 2007.
- MARX, Karl. **18 de Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo : Boitempo, 2011.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4 ed. Porto Alegre : Sulina, 2011.
- NETO, Torquato. **Melhores poemas de Torquato Neto**. seleção de Claudio Portella. São Paulo: Global, 2018.
- PAZ, Octavio. **Signos em Rotação**; tradução de Sebastião Uchoa Leite; organização de Celso Lafer e Haroldo de Campos; coleção debates dirigida por J. Guinsburg. São Paulo : Editora Perspectiva, 1976.
- PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**; coleção Primeiros passos (191). 2a.Ed. São Paulo : Brasiliense, 1989.
- SOUZA, Lucia Helena Ramos de. **Jogos Poéticos: poesia e crítica social**. Dissertação de mestrado. HCTE/UFRJ, 2019.
- TOLSTOI, Leon. **O que é arte?** Rio de Janeiro : Ediouro, 2002.
- VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Teoria do conhecimento e arte – formas de conhecimento: arte e ciência – uma visão a partir da complexidade**. 1ª. edição. Fortaleza : Expressão Gráfica Editora, 2006.